

GAZETA DO POVO

ESPECIAL

Gazeta do Povo - 18.ª página

Curitiba, segunda-feira, 17 de agosto de 1998

Guaranis redescobrem o valor da água mineral

Tribo busca apoio governamental para viabilizar um projeto que pode garantir a subsistência financeira da aldeia em Laranjinha

Karen Debértolis

Londrina - Os índios guaranis da reserva de Laranjinha, localizada no município de Santa Amélia, a cerca de 180 quilômetros de Londrina (Norte do estado), estão buscando apoio governamental para viabilizar um projeto que pode garantir a subsistência da aldeia. Eles pretendem engarrafar e comercializar a água mineral que jorra do poço artesiano da reserva para gerir recursos em benefício dos próprios índios. Já foram realizados exames pelo Intituto de Tecnologia do Paraná (Tecpar) e foi constatado que a água é alcalino-terrosa cálcica e não tem nenhum indicio de contaminação", afirmou Albino Jacinto, vice-presidente da Associação de Moradores da reserva.

De acordo com Jacinto, o potencial aquífero é surpreendente e equivale a 250 mil litros por hora, que jorram do poço artesiano de 28 metros, perfurado em 1992. Ele afirma que seria o suficiente para abastecer as cidades próximas de Santa Amélia, Abatiá e Ribeirão do Pinhal, além da própria

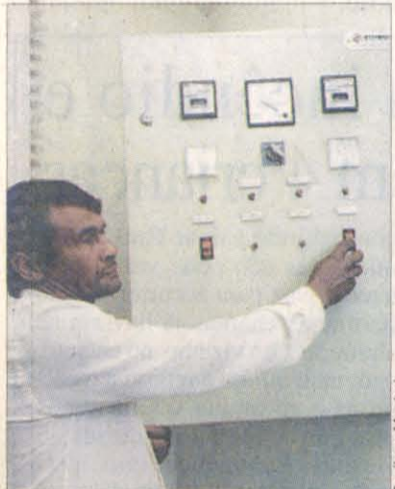
reserva. "Mesmo assim restaria o equivalente a 80 mil litros por hora", comenta Jacinto.

Administração

A reserva, que compreende 117 alqueires, localiza-se na cidade de Santa Amélia, onde moram 53 famílias e tem cerca de 243 índios guaranis. Ele vivem basicamente do que cultivam. Plantam arroz, feijão e milho, que garante o abastecimento das famílias durante o ano inteiro. Também criam um pequeno rebanho com 60 cabeças de gado, principalmente leiteiro, que produz um litro de leite diário para cada família. "Muitos moradores trabalham nas propriedades da região como bóias-frias durante a colheita para ter um dinheiro extra", afirma o presidente da Associação de Moradores e professor da escola da aldeia, Olívio Jakupé.

Formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, resolveu mudar com a mulher para a aldeia guarani de Laranjinha no final do ano passado. Atualmente dá aulas no supletivo, alfabetizando os índios adultos. Além dele, mais quatro professores se dividem nas aulas do ensino regular de 1.ª a 4.ª série. "Queremos que o projeto seja gerido pela própria comunidade indígena, através da Associação de Moradores, e que possamos empregar os próprios índios", defende Jakupé.

Além da escola, os índios contam com um posto de atendimento médico e uma enfermeira, contratada pela Fundação Nacional do Índio (Funai), que reside na aldeia. Para transportar os índios em caso de uma ocorrência mais grave, a reserva conta com duas Kombis. "Os doentes são encaminhados para Londrina e atendidos no Hopsital Universitário ou no Ambulatório do Hospital das Clínicas", explica o administrador regional da Fundação, em Londrina, José Gonçalves dos Santos.



Albino Jacinto aciona reservatório.



Abundância: a tribo estima que a água daria para abastecer 3 municípios.

Exploração comercial em debate

Londrina - Chefes indígenas e presidentes de conselhos indígenas do estado estiveram reunidos recentemente, em Curitiba, com o secretário de Indústria e Comércio, Eduardo Sciarra. Entre os assuntos em pauta eles foram reivindicar um apoio para buscar alternativas de viabilização do projeto de exploração comercial da água mineral da reserva de Laranjinha. "Estamos elaborando um projeto em conjunto com a Mineropar para conseguirmos colocar em prática a proposta da reserva", afirmou Dívio Battistelli, da Assessoria Especial para Assuntos Indígenas do estado do Paraná.

Ele frisa que o projeto representa uma alternativa econômica e de subsistência para a aldeia. Para Battistelli, é importante garantir que este projeto seja administrado pela própria comunidade indígena. O trabalho em conjunto com a Mineropar ainda está na fase de levantamentos técnicos e também de informações de quais seriam as exigências legais para se fazer a exploração comercial da água. "Talvez, dependendo do tipo de exploração, seja preciso a aprovação do Congresso Nacional", explicou.

O administrador regional da Funai, em Londrina, José Gonçalves dos Santos, apóia o projeto da reserva e afirma que o projeto inicial elaborado pelos próprios índios foi encaminhado para o órgão em Brasília. "Eu acredito na viabilidade



Santos: apoio ao projeto apresentado pela tribo.

deste projeto", reafirma.

Recursos

O secretário de Indústria e Comércio da cidade de Santa Amélia, José Alfredo Zanini Palma, disse que a água da reserva é do lençol do "coifo do Botucatu" que compreende toda a região. De acordo com levantamentos da prefeitura, para implantar o projeto dos índios guaranis seriam necessários recursos da ordem de R\$ 450 mil. "O sistema adotado é o mesmo usado para engarrafar refrigerantes, com equipamentos para envasar e embalar a água, além de seladora e veículos para transporte da produção", explica.

Palma afirmou que a secretaria está elaborando um projeto para enviar ao governo estadual para conseguir a liberação de recursos. "Se for preciso apoiarmos o projeto, a comunidade pode contar com o nosso apoio, mas defendemos que todo o trabalho deva ser administrado pela Associação de Moradores", defendeu. (KD)

Na reserva indígena de Mangueirinha já existe preocupação com a linha capitalista do homem branco

Marcelo Daletese

Mangueirinha - As incertezas, as preocupações com o amanhã e outros sentimentos bem característicos do mundo de hoje também estão fazendo parte da vida dos aproximadamente 340 índios Guaranis e 2.900 Caingangues da Reserva Indígena de Mangueirinha, situada nos municípios de Mangueirinha, Coronel Vivida e Chopinzinho, na Região Sudoeste paranaense. E, apesar de contar com vários benefícios oferecidos pelos governos federal e estadual, e com uma área de aproximadamente 17.300 hectares, já manifestam a preocupação em se enquadrar mais profundamente à linha capitalista de pensar, observada entre os demais brasileiros que têm, constantemente, expectativas consumistas das mais diversas.

O que ainda difere o índio é o conformismo, já que - para ele - o sonho de comprar um aparelho de TV, uma antena parabólica, um carro é real, mas não uma prioridade. Apesar de tal postura, as lideranças indígenas já pensam em aumentar a produção agrícola - hoje utilizada basicamente para consumo familiar - e buscar outras formas de assegurar que cada nativo tenha a chance de obter uma razoável renda financeira. "A idéia das lideranças indígenas é produzir milho, feijão, batata, mandioca e outros produtos para consumo próprio e venda a terceiros", detalha o índio João Vaz.

O chefe do Posto Indígena, Izaltino Luiz Serpa Silvério, funcionário da Fundação Nacional de Apoio ao Índio (Funai), com curso superior incompleto, é uma prova concreta de que o índio busca igualdade no país, inclusive nos aspectos econômicos. Ele reconhece que os benefícios oferecidos são superiores ao observado fora dos limites das reservas, mas, ainda assim, os índios querem alcançar um bom grau de rentabilidade financeira para também usufruírem dos produtos de alta tecnologia disponíveis para venda nas cidades. "Estive falando há poucos dias com índios mais afastados que reclamavam da situação, quando evidenciei que estamos muito bem, se analisada a vida do pessoal da cidade que não tem boa parte dos serviços e auxílios que contamos", detalha Izaltino. Destaca que a grande saída, na visão dele, é fazer

com que o índio trabalhe mais, cultive maiores áreas de terra com maior produtividade e, assim, tenha um melhor padrão de vida. "Temos uma área cultivada de aproximadamente 150 alqueires algo que pode, pelo menos, ser dobrado. Além disso, apenas 30% é mecanizada, já que a utilização de animais em roças de toco é a alternativa. Possuímos apenas 2 tratores e implementos com mais de 23 anos de uso, o que torna limitada nossa ação. Deveremos estar recebendo até setembro um trator novo da Funai, com tração nas 4 rodas, mas ainda será insuficiente para chegarmos à produtividade que desejamos."

A preocupação principal das lideranças indígenas da reserva, além de conseguir a elevação do poder aquisitivo de cada família é de, o mais rápido possível, construir moradias de boa qualidade. Hoje, aponta Izaltino, apenas 3% das casas existentes apresentam boas condições de habitação. "O que tem de bom é da fase em que as serrarias atuavam por aqui", diz ele manifestando a preocupação com o bem-estar dos integrantes da reserva que, pela umidade e o frio sofrem muitos problemas de saúde,

especialmente pulmonares. O caingangue Antônio Rodrigues Fortes, de 67 anos vive ao lado da esposa Creuza Fortes, de 52 anos, num pequeno casebre afastado da sede do Posto. Sem outra saída, aproveitou a madeira de uma araucária e, manualmente, com o auxílio de machados, confeccionou tábuas que, rudimentarmente, foram fixadas nas laterais de seu casebre. "Faço 10 tábuas de 30 cm por 1,5 metro em 50 minutos e quando chega o inverno a saída é fechar bem a casa", detalha apontando as reformas que teve de realizar nos últimos dias. A idéia da chefia do Posto é, numa parceria com a Prefeitura de Mangueirinha, governo do estado e Funai, construir uma olaria. Assim, além de criar fonte de renda a muitas famílias com a venda dos tijolos, o produto será utilizado para a construção de, pelo menos, uma casa por mês. "Houve uma análise de nosso barro pela Mineropar, que apontou a aprovação", frisa Izaltino.

Antônio Rodrigues Fortes tem exatamente o perfil traçado por Izaltino. Vive basicamente da agricultura de subsistência, mas vê nos filhos o interesse em buscar o

que o branco tem. Pelo menos três vezes por semana ele pega os dois cavalos e, numa carroça, vai até seu "sítio", de 5 alqueires, localizado a cerca de 13 quilômetros, algo que exige, pelo menos, 2 horas de viagem. Lá planta feijão, milho e mandioca, algo que garante mantimentos para si e os animais, especialmente as galinhas que possui em abundância.

Aposentado, recebendo R\$130,00 por mês, cestas básicas de alimentos e todo o apoio de saúde da Funai, Izaltino mostra-se feliz e satisfeito. Não tem energia elétrica, água encanada e seu contato diário com o que acontece é através de um pequeno rádio de pilhas. Uma de suas maiores riquezas e preciosidades foi rou-



Fé e orações na igreja de madeira. bada, o que é motivo de lástima para o idoso: um papagaio "que falava de tudo". Em casa seu costume é ficar em volta do fogão à lenha tomando chimarrão ao lado da esposa. "Meus dois filhos estão bem. Um está na Reserva Indígena de Nonoai, no Rio Grande do Sul e a filha tem 6 filhos aqui, em Mangueirinha. Acho que, para nós, a vida está ótima, mas para eles, mais jovens, a tendência é buscar o que tem na cidade, como televisão, carro e outros produtos."



Vivendo em comunidade: há sempre tempo e lugar para o encontro com os amigos e parentes que moram ou visitam a aldeia.



Rudimentar: o caingangue Antônio Fortes construiu a pequena casa onde mora com a família a partir da madeira de uma araucária.